

O presbítero no pontificado do Papa Francisco

The priest in the pontificate of Pope Francis

Antônio de Lisboa Lustosa Lopes
Renan Mascarenhas Santos

Resumo

Desde a primeira aparição pública, minutos após o *Habemus papam*, Francisco tem surpreendido o mundo e a Igreja com suas palavras e, sobretudo, com os seus gestos. Se na tradição bíblica o nome revela a sua missão, falar de Francisco nos remete ao santo de Assis que foi movido por aquelas palavras: “Reconstrói a minha Igreja”. Assim também o Papa Francisco, desde o início do seu ministério petrino, tem buscado retornar às fontes da fé cristã, como auspiciou o Concílio Vaticano II. Ao mesmo tempo, Francisco quer que a Igreja seja instrumento e testemunha de paz e comunhão. Evidentemente que não serão poucos os obstáculos e oposições ao Papa, sobretudo, por quem sustenta um cristianismo europeizado. Sendo, o presbítero chamado a tomar parte nesta renovação, o que o Papa Francisco espera dos presbíteros? Este artigo apresenta reflexões sobre o perfil do presbítero a partir do pontificado de Francisco. Ao mesmo tempo, traz algumas pistas para a formação sacerdotal, iluminadas pela *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* (RFIS), um importante documento que contém as diretrizes formativas para os Seminários e casas de formação em todo o mundo.

Palavras-chave: Eclesiologia. Vaticano II. Papa Francisco. Presbíteros. Sinodalidade.

Abstract

Since his first public appearance, minutes after the *Habemus papam*, Francis has surprised the world and the Church with his words and, above all, with his gestures. If in biblical tradition the name reveals his mission, speaking of

Francis takes us back to the saint of Assisi who was moved by those words: “Rebuild my Church”. In the same way, Pope Francis, since the beginning of his Petrine ministry, has sought to renew the Church, starting from the return to the sources of the Christian faith, as wanted by the Second Vatican Council. At the same time, Francis wants the Church to be an instrument and witness of peace and communion. Evidently, there are many obstacles and oppositions that appear to the Pope, above all, for whom he supports a Europeanized Christianity. Since the priest is called to take part in this renewal, what does Pope Francis expect from priests? This article presents reflections on the profile of the priest from the pontificate of Francis. At the same time, it brings some clues for priestly formation, illuminated by the Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis (RFIS), an important document that contains the formative guidelines for *Seminaries and houses of formation throughout the world*.

Keywords: Ecclesiology. Vatican II. Papa Francis. Presbyters. Synodality.

Introdução

Para falar do ministério presbiteral a partir do pensamento do Papa Francisco é necessário, antes, direcionar o olhar para a perspectiva eclesiológica que tem norteado todo o seu ministério: a eclesiologia do Concílio Vaticano II. Sendo de origem latino-americana e redator do documento da V Conferência do Episcopado Latino-americano e caribenho (2005), vê-se também fortemente imbuído do espírito missionário contido no Documento de Aparecida.

O Vaticano II refletiu sobre a identidade e a missão da Igreja (*ad intra* e *ad extra*). No contexto da pós-Reforma houve uma acentuação do caráter confessional e hierárquico da Igreja, enquanto na modernidade foi evidenciado o aspecto de “sociedade perfeita” e, portanto, independente e suficiente com todos os seus meios para alcançar os seus fins, concebendo a Igreja em um viés puramente jurídico. Será somente com Pio XII que a Igreja será vista a partir do prisma mais espiritual como *Corpo Místico de Cristo*.

A Constituição Pastoral *Lumen Gentium* (LG) do Vaticano II apresenta a Igreja como “sacramento universal de salvação”,¹ corroborando que sua missão é prolongar o agir salvífico de Cristo, Aquele que é “autor de salvação e princípio de unidade e de paz”.² Além disso, o referido documento retomou a categoria bíblica de Povo de Deus, identificando a Igreja como o novo Povo de Deus, congregado por Cristo, que não existe para si, mas para servir o Reino. Ao trazer

¹ LG 48.

² LG 9.

a tônica de *Povo de Deus* no Capítulo II e a Constituição Hierárquica no Capítulo III, o documento propôs uma eclesiologia cujo ponto de partida passa a ser o batismo, onde todos são regenerados.³ E, neste sentido, dá relevância fundamental ao cristão que cada um deve ser a partir do batismo; como que demonstrando que a mais elevada posição do cristianismo é o de cada batizado, conformado ao Cristo e, Nele, sacerdote, profeta e rei. Ser cristão é o fundante e o fundamental.

Na esteira deste pensamento, é possível compreender a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), na qual são apontados, pelo Papa Francisco, os “caminhos para o percurso da Igreja”.⁴ Nela, aparece o desejo de uma “salutar descentralização”, de superar a autorreferencialidade, de uma Igreja em saída, capaz de “primeirar”, se envolver, acompanhar, frutificar, festejar, acolher, dialogar e escutar a todos.⁵ Para tanto, o Papa conclama a Igreja a uma profunda conversão pastoral que seja capaz de reformar estruturas e costumes que já não são úteis e, pior, obstaculizam a transmissão do Evangelho.⁶

Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer’ (Mc 6, 37).⁷

Às portas de celebrar os sessenta anos da conclusão das sessões do Concílio Vaticano II (2025) vemos, portanto, reluzir na Igreja, com o Papa Francisco, as aspirações mais profundas de acolher o espírito conciliar e promover a tão sonhada renovação eclesial. Não obstante, tal projeto não é – como dizem – algo pensado exclusivamente pelo Papa.

Mas não há nada que tenha inventado eu, o que fiz desde o início é tentar iniciar o que nós, cardeais, dissemos nas reuniões do pré-conclave para o **futuro Papa**: o próximo Papa deve fazer isso, isso e aquilo. E foi isso que comecei a colocar em ação. Acredito que ainda há várias coisas a serem feitas, mas não há nada que eu tenha inventado. Estou obedecendo ao que foi decidido naquele momento. Talvez

³ LG 10.

⁴ EG 1.

⁵ EG 16; 24; 31; 35.

⁶ EG 43.

⁷ EG 46.

alguns não tenham percebido o que estavam dizendo ou pensaram que não fosse tão sério, mas alguns temas provocam pruridos, é verdade. Mas não há originalidade minha no plano. E o meu projeto de trabalho, *Evangelii gaudium*, é algo em que tentei resumir o que nós, cardeais, dissemos naquele momento.⁸

Portanto, pensar uma eclesiologia de Francisco é pensar a eclesiologia do Vaticano II. E, sendo os sacerdotes partes constitutivas deste grande Povo de Deus, que é a Igreja, podemos nos perguntar: qual é o perfil sacerdotal que se pode predicar do estilo pastoral de Francisco?

Longe de esgotar as linhas de pensamento do Papa Francisco sobre o sacerdócio, elencamos algumas que impactam diretamente a visão eclesial sonhada pelo Papa: discípulo, pastor, misericordioso e sinodal.

1. Um presbítero-discípulo

O Concílio Ecumênico Vaticano II retomou a dignidade batismal como origem de todas as vocações e o fundamento que incorpora e congrega todo o povo de Deus. Ainda que o múnus de pai e mestre pertença à natureza do sacerdócio, este por sua vez não substitui nem anula a vivência, juntamente com os fiéis, de discípulos do Senhor, segundo o Decreto *Presbyterorum Ordinis*.⁹

Com esta mesma compreensão, o Papa Francisco propõe uma revalorização da graça batismal como primeira consagração inerente a todos os fiéis, como princípio para a superação de uma concepção reduzida e errônea da Igreja como uma elite clerical, para uma Igreja em que todos os batizados formam o Santo Povo fiel de Deus.¹⁰

Pelo batismo os fiéis tornam-se discípulos do Senhor e são chamados a corresponder ao ser e ao agir próprios daqueles que seguem Jesus. Haja vista que o caminho de discipulado é árduo, cheio de aprendizados e requer abertura e disciplina, logo se nota que este processo se estende por toda a vida.

Essa consciência de que a ordenação não apaga a identidade de discípulo já consta na *Pastores dabo vobis (PDV)*, de João Paulo II, na qual se fala de uma necessidade de “formação permanente”.¹¹ Segundo Francisco:

(A formação sacerdotal) não tem um termo, uma vez que os sacerdotes nunca deixam de ser discípulos de Jesus e de o seguir. Por conseguinte, enquanto

⁸ Entrevista com papa Francisco à rádio espanhola Cope.

⁹ PO 9.

¹⁰ FRANCISCO, PP., Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina.

¹¹ PDV 70.

discipulado, a formação acompanha a vida inteira do ministro ordenado e diz respeito integralmente à sua pessoa e ao seu ministério. A formação inicial e a permanente são dois momentos de uma única realidade: o caminho do discípulo presbítero, apaixonado pelo seu Senhor e constantemente no seu seguimento.¹²

Nesse sentido, entende-se que em todo o seu sentir e agir, deve o presbítero estar repleto de uma íntima relação com o Senhor, reconhecendo-O como Único Mestre, A quem seguem todos os discípulos. Esta intimidade é alcançada, sobretudo, por meio dos sacramentos que celebra e pela escuta da Palavra de Deus. “Minha Missa é minha vida, e minha vida é uma Missa prolongada”.¹³

A figura do *discípulo* sugere ainda que o ministério sacerdotal é uma via de serviço: serviço ao Pai e aos irmãos, seguindo os passos do próprio Jesus. Quanto mais consciente é o presbítero de que ele se encontra a caminho, mais viverá de modo humilde o seu ministério e servirá de testemunho aos leigos. No entanto, quando o sacerdote, em meio às suas várias atribuições, esquece desta condição, facilmente cai naquilo que o Papa Francisco chama de “perversão da Igreja”, isto é, o clericalismo.

De acordo com Pereira, o clericalismo surge à medida em que são enfraquecidas as pastorais missionárias, sociais e a formação de leigos e supervalorizada a pastoral sacramental. Ainda segundo o autor, o clericalismo ganha força com o autoritarismo, na centralização em tomadas de decisões e na dominação dos leigos.¹⁴

As inspirações de Francisco sobre o sacerdócio devem penetrar as paredes, por vezes gélidas, dos seminários e fazer arder os corações dos seminaristas para tomar parte na construção deste novo rosto eclesial. Para acentuar este apelo houve uma mudança significativa na nomenclatura das etapas formativas: o que era “filosofia” passou a ser chamado “discipulado” e o que antes era “teologia” passou a ser chamado “configuração”. Com esse novo formato, busca-se sublinhar que a vida acadêmica, embora essencial, não é a única a reger o itinerário formativo do seminarista. Antes, contudo, deve haver um crescimento na relação com Jesus, de tal modo que os seminários sejam locais em que se formam discípulos e missionários, quer no ministério ordenado, quer na vida laical.¹⁵

Para alcançar este ímpeto de discípulo, que ama o Senhor, e de missionário, que O anuncia, é indispensável a familiaridade com a Palavra de Deus.¹⁶ De fato, “(...) é sempre bom lembrar – só pode proclamar as palavras de vida apenas quem faz da

¹² FRANCISCO, PP., Aos participantes na Assembleia Geral Extraordinária da Conferência Episcopal Italiana.

¹³ HURTADO, A., Um fogo que acende outros fogos, p.127.

¹⁴ PEREIRA, W. C. C., Sofrimento psíquico dos presbíteros, p. 372.

¹⁵ RFIS 3.

¹⁶ DAp 247-249.

própria vida um diálogo constante com a Palavra de Deus”.¹⁷ Também o Papa Bento XVI havia salientado a primazia da Palavra de Deus na formação sacerdotal.¹⁸

Além disso, por ser fonte e ápice da vida cristã, a Eucaristia deve ocupar a centralidade na formação sacerdotal. Todavia, é preciso ajudar o seminarista a entender que a Eucaristia é um mistério a ser adorado e imitado, através da entrega e do sacrifício, no serviço a Deus e aos irmãos.

2. Um presbítero-pastor

Poucos dias após a sua eleição, na Missa Crismal de 2013, o Papa Francisco usou a expressão que logo se espalhou por todo o mundo e que se tornou uma de suas máximas: “pastores com cheiro de ovelhas”. O Papa tem exortado os presbíteros a não serem acomodados, não viverem como um funcionário que cumpre horários, mas alguém que demonstra viver o seu ministério com generosidade, largueza e proximidade para com o povo, inspirando-se no próprio Cristo. Obviamente hoje já não é possível pensar em “padres de sacristia”, mas “sacerdotes ardentes pelo desejo de levar o Evangelho às ruas do mundo, aos bairros e lares, especialmente aos lugares mais pobres e esquecidos”.¹⁹

No conhecido Sl 22,1-4, vemos que o pastor é o próprio Deus e que suas tarefas consistem em: suprir as necessidades do rebanho, proporcionar motivação e força, guiar os passos e proteger dos perigos.²⁰ À luz de Cristo que cumprirá com excelência essas tarefas, tornam-se elas também as atribuições para aqueles que são chamados a exercerem o ministério do pastoreio. E tais ofícios só são bem desempenhados quando os pastores conhecem as dificuldades, preocupações e necessidades do seu rebanho.

Como dedicado pastor, deve o presbítero cuidar com zelo e respeito do povo a ele confiado, impregnado de ternura, caridade e escuta. Além disso, pelo fato de que o seu ministério deve alcançar até os que se encontram afastados, a “santa inquietação”, que brota do coração do pastor em fazer com que o Evangelho chegue a todos, é inspiradora para a Igreja viver em constante saída, animando os fiéis a também superarem o comodismo e as chamadas pastorais de conservação. Se o compromisso do anúncio do Reino é inerente a todos os batizados, essa dimensão do pastoreio revela a identidade missionária do presbítero.

Os seminaristas, portanto, devem ser educados a dedicar-se

¹⁷ FRANCISCO, PP., *Discurso do Papa Francisco à comunidade do Pontifício Seminário Lombardo em Roma*, 2016.

¹⁸ VD 82.

¹⁹ FRANCISCO, PP., *Discurso do Papa Francisco à comunidade do Pontifício Seminário Lombardo em Roma*, 2022.

²⁰ RODRIGUES, R. S., *O cuidado pastoral sistêmico*, p. 95.

desinteressadamente em favor do rebanho.²¹ É fato que cada candidato chega aos seminários com uma história, uma experiência eclesial, e até mesmo com uma imagem de padre que talvez o tenha inspirado vocacionalmente. No entanto, é uma grande missão formativa atentar-se para que essas imagens não sejam redutoras ou até mesmo contrárias ao autêntico presbiterado.²²

Um grande obstáculo para o desempenho presbiteral é a redução, por exemplo, do ministério ao aspecto sacerdotal e, portanto, litúrgico, que obviamente é parte constitutiva do ministério.²³ Porém, é precisamente neste ambiente litúrgico, que podem aparecer sintomas de uma arraigada mundanidade espiritual. Francisco delinea algumas atitudes que podem ajudar o candidato – e a formação – a identificar e trabalhar. São eles:

a obsessão pela aparência, uma segurança doutrinal ou disciplinar presunçosa, o narcisismo e o autoritarismo, a pretensão de impor-se, o cuidado somente exterior e ostentado com a ação litúrgica, a vanglória, o individualismo, a incapacidade para escutar o outro, e todo gênero de carreirismo.²⁴

O autoritarismo no presbítero se revela no desejo de impor as próprias ideias, negando as tradições paroquiais e diocesanas,²⁵ ferindo o rebanho que lhe foi confiado e asfixiando o mover do Espírito. Um antídoto eficaz é o discernimento pastoral, do qual a *Ratio* pede que os seminaristas sejam peritos.²⁶ De fato, percorrer este caminho revela a intenção do pastor em recusar respostas prontas, genéricas e impessoais e abrir-se às várias realidades que se impõem.

3. Um presbítero-misericordioso

Segundo o Papa Francisco, a Igreja é chamada a ser um “hospital de campanha” que cuida das feridas espirituais e físicas.²⁷ Como expressão do Bom Samaritano, a Igreja deve testemunhar a misericórdia e o mandamento do amor deixado por Jesus como condição *sine qua non* do ser cristão. Todavia, certos valores evangélicos, como amor, fraternidade, misericórdia e compaixão, parecem não mais encontrar sentido nesta sociedade pós-moderna que visa os interesses individuais, demonstrando pouco

²¹ RFIS 34.

²² RFIS 92.

²³ Embora, é verdade, que até o aspecto sacerdotal tornou-se reduzido “a alguém que oferece sacrifícios”, quando, todavia, deve unir-se ao sacrifício de Cristo por meio da própria oferta de vida, como salientou Fulton Sheen na obra *O sacerdote não se pertence*.

²⁴ EG 67.

²⁵ RFIS 123.

²⁶ RFIS 120.

²⁷ FRANCISCO, PP., Discurso do Papa Francisco aos membros da Fundação Avsi para o projeto “Hospitais Abertos” na Síria.

ou nenhum interesse pelo coletivo, que promove “uma cultura do entretenimento comercializado e interesseiro, que distrai, mas não sacia”.²⁸

A pós-modernidade se tornou uma geografia inóspita, sobretudo, para a convivência com o “outro”. Em nome dos interesses privados, tudo aquilo que conecta o homem pós-moderno ao outro está perdendo força, porque o olhar para o outro é substituído pelo olhar para dentro, o ser social está mais voltado para as questões emocionais e psicológicas.²⁹

Os efeitos da pós-modernidade são alertados pelo Papa Francisco, haja vista que prejudicam a visão do homem e do mundo, gerando um vazio e uma desorientação.³⁰ O papa identifica e chama a atenção para a “globalização da indiferença” que nos anestesia diante dos clamores e dramas alheios³¹ (EG 54). Com este cenário, torna-se mais claro o sonho de Francisco para que a Igreja possa nadar contra a corrente, fazendo-nos enxergar os migrantes, os idosos, os pobres e tantos que vivem marginalizados pela sociedade; igualmente nos fará ver as mulheres, os homossexuais, os casais de segunda união e tantos que viviam marginalizados pela ação pastoral. Ainda recordará à humanidade que o comunitário existe e que a Terra é a nossa casa comum; lembrará, também, a todos os povos de que as múltiplas culturas, nações e religiões não destroem a verdade de que somos todos irmãos.

Ora, se Francisco palmilha o caminho da integralidade do ser humano em contraposição à fragmentação dele, não estaria o presbítero chamado a tomar parte dessa mentalidade? “Se não formarmos ministros capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de dialogarem com as suas ilusões e desilusões, de recompor as suas desintegrações, o que poderemos esperar para o caminho presente e futuro?”³²

O presbítero é então convocado a superar o apego a si mesmo, vencer a tentação de reter a unção recebida e ungir com o óleo da presença paterna e amorosa a todos quantos forem necessários, especialmente os pobres, presos e doentes.³³ Ser um presbítero-misericordioso exige proximidade com o povo para tocar as misérias humanas e revelar a misericórdia de Deus. Jesus, o Bom Samaritano, deseja continuar próximo do Povo por meio dos sacerdotes que reconhecem as feridas e os sofrimentos do seu povo, ainda que vividos em

²⁸ MIRANDA, M. F., Um cristianismo sinodal em construção, p. 95.

²⁹ SANTOS, O. S., O Individualismo Pós-Moderno a partir de Gilles Lipovetsky e suas implicações para a experiência religiosa contemporânea, p. 101.

³⁰ FRANCISCO, PP., Encontro com o Episcopado Brasileiro.

³¹ EG 54.

³² FRANCISCO, PP., Encontro com o Episcopado Brasileiro.

³³ FRANCISCO, PP., Santa Missa Crismal.

silêncio.³⁴ O presbítero deve estar atento às necessidades dos mais pobres e ser promotor da cultura da solidariedade.³⁵

Outro ponto importante no percurso da misericórdia é a celebração do sacramento da Confissão. Para que o penitente consiga experimentar um encontro com o amor misericordioso do Pai, é indispensável afastar-se do rigorismo, com a frieza da lei que torna o confessorário uma espécie de “câmara de tortura”.³⁶ O confessor deve comunicar a misericórdia de Deus porque antes mesmo ele já experimentou para consigo, afinal, sendo pecador, carrega também o peso da contradição em querer fazer o bem e às vezes fazer o mal.³⁷ O Papa espera que os confessores sejam:

acolhedores com todos, *testemunhas* da ternura paterna, não obstante a gravidade do pecado, *solícitos* em ajudar a refletir sobre o mal cometido, *claros* ao apresentar os princípios morais, *disponíveis* para acompanhar os fiéis no caminho penitencial, respeitando com paciência o seu passo, *clarividentes* no discernimento de cada um dos casos, *generosos* na concessão do perdão de Deus.³⁸

Algo que parece inquietar Francisco, tendo em vista a menção frequentemente em seus discursos, é a rigidez dos sacerdotes, uma espécie de armadura usada para esconder certas dificuldades. Nesse sentido, o período formativo dos seminários deve servir para conscientizar o candidato ao sacerdócio de que ele traz consigo a ambiguidade radical da existência humana e, por isso, deve identificar os seus dons, riquezas e graça, mas igualmente os seus limites e fragilidades. Integrar o todo que se é torna-se uma autêntica expressão misericordiosa para consigo e fundamental para evitar desvios como a fragmentação, a polarização, os excessos, a superficialidade e a parcialidade.³⁹

Além disso, faz-se extremamente importante cultivar, já no tempo de seminário, a proximidade para com o povo. Afastando-se do povo será muito difícil alcançar aquilo que os livros por si só não conseguem: um coração compassivo diante do sofrimento humano. Os futuros sacerdotes devem recordar dessa imagem de hospital de campanha, que é a Igreja, na qual muitas vezes chegam pessoas feridas que buscam compreensão, amor e ternura e o remédio, portanto, jamais pode ser a arrogância ou a indiferença.

Por isso, a dimensão pastoral deve ser valorizada não apenas como uma

³⁴ FRANCISCO, PP., Discurso do Papa Francisco no Simpósio Internacional “Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio”.

³⁵ DAp 199.

³⁶ EG 44.

³⁷ Rm 7,14-21.

³⁸ MM 10.

³⁹ RFIS 28.

oportunidade em que os seminaristas convivam com os párocos ou que partilhem os frutos de seus estudos acadêmicos, mas, sobretudo, para que conheçam as famílias, visitem os afastados e marginalizados da ação pastoral, e tenham contato com aquelas pastorais cujo foco seja a realidade *ad extra*. Esse gesto de saída (da casa paroquial para a casa das famílias) fará bem ao seminarista, que também veio de uma família, e poderá valorizar os costumes e culturas presentes nas famílias paroquiais, e para que seja iniciado em um ministério de proximidade, como um autêntico missionário.

4. Um presbítero-sinodal

Ao contrário do que pensam muitas pessoas, não é o Papa Francisco o inventor da sinodalidade. Este termo, porém, revela a identidade própria da Igreja, que durante os séculos, foi pouco a pouco empoeirando-se e perdendo o seu brilho e força. É possível notar já nas primeiras comunidades uma expressão de escuta e discernimento,⁴⁰ assim como em Santo Inácio de Antioquia e São Cipriano, que gostariam de tomar as decisões somente depois de ouvir o conselho e tendo a anuência do povo de Deus. Igualmente, São Bento em sua Regra, instrui que o abade deve ouvir a todos, pois, até aos mais jovens o Senhor revela a sua vontade.⁴¹

De fato, “Igreja e sínodo são sinônimos” como nos ensina São João Crisóstomo. O Concílio retomou este princípio de caminhar juntos, e com o Papa Francisco, tem ganhado grande destaque não apenas na reflexão, mas, sobretudo, por meio de significativos gestos e atitudes, como a inclusão de mulheres em certos setores de consulta e deliberação na Cúria Romana.

Em virtude da identidade da Igreja e atento aos apelos de Francisco, o coração do presbítero deve estar disposto a caminhar junto às orientações da Igreja (universal e particular), e a buscar promover a sinodalidade em sua realidade ministerial, valorizando os organismos de escuta e discernimento (os conselhos paroquiais, por exemplo).

Caminhar junto exige paciência e esforço, afinal, nem todos têm o mesmo ritmo, nem todos tem clareza do seu rumo, nem todos estão dispostos a caminhar. Embora a meta seja sempre aquilo que nos move a caminhar, o percurso não pode tornar-se “um mal necessário”, mas deve tornar-se um caminho alegre, fruto de cuidado atento e humilde do pastor. De fato, o sacerdote, por vezes, terá que diminuir o ritmo, olhar nos olhos e escutar quem ficou caído pelo caminho.⁴²

Fazendo-se próximo do povo, poderá o presbítero identificar que há vários carismas, dons e vocações, os quais, com a docilidade do Espírito Santo, poderão

⁴⁰ At 15, 22.

⁴¹ KASPER, W., *Servidores da alegria*, p.59.

⁴² EG 46.

ser acolhidos e incentivados para que todos possam, cada um a seu modo, render seus talentos. Não obstante, o incômodo que muitas vezes gera a diferença entre pessoas e comunidades, o presbítero, como homem de comunhão, deve fomentar a unidade na diversidade, rejeitando a tentação de fechamento em particularismo, uniformidades e exclusivismo.⁴³

O diálogo com as diferenças abarca a realidade ecumênica e inter-religiosa. O percurso ecumênico jamais procura almejar uma conformação das várias manifestações, antes, porém, deve-se entusiasmar e reconhecer o que o Espírito semeou no outro como um dom.⁴⁴ O diálogo inter-religioso de forma alguma relativiza as próprias convicções, mas se abre para compreender as convicções do outro.⁴⁵

É preciso que estes dois pontos estejam claramente entendidos pelos presbíteros que podem, por meio de suas pregações, favorecer a paz e o respeito ou a violência e a intolerância.

Sendo o individualismo uma grande marca desta sociedade pós-moderna, espera-se do presbítero um exímio entusiasta para o despertar da dimensão comunitária. Para isso, ele próprio terá de vencer este mal que alcança a vida pastoral, como, por exemplo, a acentuação da “minha paróquia” em detrimento da comunhão diocesana, ou a acentuação da “minha diocese” excluindo-a da comunhão regional, nacional e universal.

Outra realidade que está bem presente são os extremismos e divisões que permeiam, não apenas a sociedade, mas também, a Igreja e o próprio clero. Fala-se muito dos descartados da sociedade (pobres, abandonados, migrantes etc.), mas pouco – ou nada – se fala das periferias nos presbitérios, em que os próprios presbíteros deixam de lado e tornam invisíveis alguns de seus irmãos porque não compactuam com o seu pensamento ou não pertencem à mesma tribo. No entanto, convém recordar que:

No primeiro milênio do cristianismo se aceitava sem mais a diversidade nas expressões doutrinárias, nas celebrações sacramentais, nas reflexões teológicas, nas ações pastorais, já que não se confundia unidade da Igreja com uniformidade eclesial, como, infelizmente, aconteceu no segundo milênio e constitui certamente outro fator de resistência às mudanças exigidas hoje.⁴⁶

Viver a sinodalidade significa a tomada de consciência de que o caminho deve ser percorrido conjuntamente e que este caminho enriquece a todos.⁴⁷ Não basta chegar, é preciso chegar juntos.

⁴³ EG 131.

⁴⁴ EG 246.

⁴⁵ EG 251.

⁴⁶ MIRANDA, M. F., Um cristianismo sinodal em construção, p. 20.

⁴⁷ SANTOS, J. B. S., Presbíteros sinodais, p. 217-220.

Embora a *Ratio* tenha sido publicada antes do Papa convocar o sínodo sobre a sinodalidade, nela já se encontram elementos fundamentais para a formação sacerdotal dentro deste caminho sinodal, “precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”.⁴⁸ Desse modo, os seminaristas precisam ser educados a cultivar a capacidade de escutar e dialogar.⁴⁹ Este movimento de escuta e diálogo alcança vários horizontes: com Deus, com os formadores, com os outros seminaristas, com as diferentes vocações e carismas da Igreja, com as várias ciências e culturas, com os que pensam diferente, com as outras denominações cristãs, com as outras religiões, com os descrentes, com as várias gerações, etc.

Para a escuta e o diálogo são necessários abertura e respeito. Assim, torna-se imprescindível identificar e oferecer auxílio aos formandos que trazem quaisquer bloqueio ou dificuldade nestas áreas. Em vista desta formação sinodal, deve-se prezar por um sadio relacionamento com as mulheres, incluindo-as na formação, valorizando sua presença expressiva nas comunidades, bem como seus dons e virtudes com os quais enriquecem a Igreja.⁵⁰

Haja vista que o seminarista, ou melhor, homem algum é uma ilha, o seu futuro ministério estará destinado a toda a Igreja e aos confins da terra, embora vivido em uma realidade particular – diocesana, (ainda que com o seu carisma religioso). Portanto, faz-se mister promover um amor pela diocese, uma participação afetiva e efetiva nos projetos diocesanos e uma estreita relação com o bispo diocesano. Ser um homem de comunhão não deve ser visto apenas como um valor afetivo, mas teológico e, portanto, inerente à natureza do próprio ministério, como um “fiel colaborador da Ordem episcopal”, como se escuta no dia da ordenação.

Conscientes dos desafios da pós-modernidade que acentuam a subjetividade e o individualismo e que tais efeitos atingem a todos, a formação para a comunhão, para a coletividade, para a construção da fraternidade torna-se deveras árdua. A insistência do Papa Francisco em tornar visível o coletivo, o global – sobretudo expresso no cuidado da casa comum, revela a necessidade urgente de uma mudança de mentalidade.

Conclusão

A compreensão de presbítero está intimamente ligada à compreensão eclesiológica, haja vista que o presbítero deve caminhar com a Igreja, da qual é membro pelo batismo. Desse modo, para a reflexão do sacerdócio no pontificado do Papa Francisco deve-se retomar pontos importantes da sua renovação eclesial

⁴⁸ FRANCISCO, PP., Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos.

⁴⁹ RFIS 21; 40; 41; 42; 46; 47; 116; 117; 119; 121; 159; 161; 200.

⁵⁰ RFIS 95.

que tem o Concílio Ecumênico Vaticano II por inspiração.

A Igreja, Povo de Deus, é enriquecida com vários carismas e vocações que brotam do elemento fundante: a graça batismal. Dentre tantos, cada um com natureza e missão, estão os presbíteros, constituídos ministros de Cristo, para comunicar a todos a salvação.

Para além das funções que os presbíteros são chamados a desempenhar, elencamos quatro notas que, longe de serem funções, devem estar impressas no coração de todo padre: discípulo, pastor, misericordioso e sinodal. Para tanto, é evidente que seja necessário um processo de conversão do próprio ministério, a fim de permitir a ação do Espírito que busca a colaboração de todos. Isso sem dúvida nem sempre é compreendido e acolhido tão facilmente. Todavia, já os seminários devem ajudar os futuros presbíteros a reconhecerem a primazia de Cristo (sendo discípulo), com o desejo de buscar (pastor), acolher (misericordioso) e escutar (sinodal) a todas as pessoas.

Nesta década de papado, Francisco tem pedido – seja por palavras, seja por gestos – uma Igreja mais fiel ao Evangelho. Desse modo, superando as contradições inerentes à realidade humana, e, ao mesmo tempo, às dificuldades próprias da mudança de época na qual estamos, os presbíteros e, com eles, toda a Igreja, precisam fazer a missão de Jesus, a sua própria missão: “proclamar e realizar o Reino de Deus”.⁵¹

Referências bibliográficas

BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-sinodal Verbum Domini**: Sobre a palavra de Deus na vida e na missão da igreja. 2010. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html>. Acesso em 10 mar. 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003.

CELAM. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas / Paulus, 2007.

CENCINI, A. **A arte de ser discípulo**: ascese e disciplina: itinerário de beleza. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O dom da vocação presbiteral**: *Ratio Fundamentalís Institutionis Sacerdotalis*. 2ªed. Brasília: CNBB, 2021.

⁵¹ MIRANDA, M. F., Um cristianismo sinodal em construção, p. 88.

CONSTITUIÇÃO Lumem Gentium. In **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

DECRETO Presbyterorum Ordinis. In: **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

ENTREVISTA com Papa Francisco à rádio espanhola Cope. 03 set. 2021. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/612610-que-fique-claro-que-a-reforma-da-curia-nao-sera-nada-alem-do-que-os-cardeais-disseram-o-que-pedimos-no-pre-conclave-entrevista-com-papa-francisco-a-radio-espanhola-cope>>. Acesso em 17 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Aos participantes na Assembleia Geral Extraordinária da Conferência Episcopal Italiana**. Vaticano, 8 nov. 2014. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2014/documents/papa-francesco_20141108_lettera-cei.html>. Acesso em 15 fev. 2023.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica: Misericordia et misera**. 20 nov. 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html>. Acesso em 2 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina**. 19 mar. 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html>. Acesso em 10 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos**: Discurso do Santo Padre Francisco. 17 out. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso em 01 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco à comunidade do Pontifício Seminário Lombardo em Roma**. 7 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/february/documents/20220207-seminario-lombardo.html>>. Acesso em 24 fev. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco aos membros da Fundação Avsi para o projeto “Hospitais Abertos” na Síria**. 3 set. 2022. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220903-fondazione-avsi.html>>. Acesso em 14 fev. 2023

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco no Simpósio Internacional ‘Para uma Teologia Fundamental do Sacerdócio’**. 17 fev. 2022. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/february/documents/20220217-simposio-teologia-sacerdozio.html>>. Acesso em 19 fev. 2023.

FRANCISCO, PP. **Encontro com o Episcopado Brasileiro**: Discurso Do Santo Padre. 27 jul. 2013. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html>. Acesso em 10 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Santa Missa Crismal**. Homilia do Santo Padre Francisco. 28 mar. 2013. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em 10 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Discurso do Papa Francisco à comunidade do Pontifício Seminário Lombardo em Roma**. 25 jan. 2016. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/january/documents/papa-francesco_20160125_pont-seminario-lombardo.html>. Acesso em 12 mar. 2023.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

HURTADO, A. **Um fogo que acende outros fogos**: páginas escolhidas de Pe. Alberto Hurtado. São Paulo: Loyola, 2005.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis***: sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992.

KASPER, W. **Servidores da alegria**: existência sacerdotal – serviço sacerdotal. São Paulo: Loyola, 2009.

MIRANDA, M. F. **Um cristianismo sinodal em construção**: a fé cristã na atual sociedade. São Paulo: Paulinas, 2022.

PEREIRA, W. C. C. **Sofrimento psíquico dos presbíteros**: dor institucional. Petrópolis/RJ: Vozes; Belo Horizonte/MG: Editora PUC Minas, 2013.

RODRIGUES, R. S. O cuidado pastoral sistêmico: um diálogo com a perspectiva intercultural. In **Conviver**: ensaios para uma teologia intercultural latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2015.

SANTOS, O. S. O Individualismo Pós-Moderno a partir de Gilles Lipovetsky e suas implicações para a experiência religiosa contemporânea. **Unitas**, v.8, n.1, p.

90-118, 2020.

SANTOS, J. B. S. **Presbíteros sinodais**: comunhão, participação e missão.
Aparecida: Editora Santuário, 2022.

Antonio de Lisboa Lustosa Lopes

Docente da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da
PUCSP, doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de
São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
alopes@pucsp.br

Renan Mascarenhas Santos

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo
São Paulo / SP – Brasil
mascarenhas.renan.a@gmail.com

Recebido em: 29/03/2023
Aprovado em: 22/05/2023